AS MUITAS PEDRAS NA "CAMINHADA DO POVO DE DEUS".

Ismar da Silva Costa[1]

Resumo:

Neste texto procuraremos pensar a experiência dos sujeitos católicos de Itapuranga-GO nos anos 70 após a reestruturação diocesana proposta por Dom Tomás Balduíno. Para tanto, escolhemos dois momentos decorrentes dessa experiência: a expulsão dos padres da paróquia e a presença dos leigos frente às tomadas de decisões na paróquia e na diocese.

Resume:

Dans ce texte nous chercherons penser l'expérience des sujets catholiques de Itapuranga-GO dans les années 70 après la restructuration diocésaine proposée par Dom Tomás Balduíno. Pour tant nous choisissons deux moments découlants de cette expérience: l'expulsion des prêtes de la paroisse et la présence des laïques face à les prises de décisiòns dans lla paroisse et dans la diocèse.

Nas últimas três décadas do século passado foram produzidos vários estudos que procuraram problematizar a presença da Igreja Católica no Brasil, mais precisamente a ala progressista identificada como pertencente à Teologia da Libertação, junto às lutas pela retomada e consolidação da democracia no país. Neste sentido, estudos foram realizados para compreender o papel da instituição como fomentadora e mediadora de questões sociais, outros que procuraram perceber os limites institucionais desta inserção junto à sociedade civil.

Na segunda metade dos anos 80 presenciou-se a emergência e consolidação, de forma acelerada, da Renovação Carismática Católica. Tal emergência se deu não só em territórios eclesiásticos considerados propícios como as dioceses conservadoras, más também em territórios onde se semeou "da boa semente"; as dioceses progressistas.

Estas transformações de modos de vivências do catolicismo no Brasil, talvez, possam ser compreendidas se pensarmos que a identidade religiosa

[1] - Professor do Curso de História do CAC/UFG. mestrando em História pela UFU. Linha de Pesquisa Política e Imaginário. Vice-Coordenador do NIESC- Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais.

do católicos brasileiro pode ser permeada por uma gama variada de possibilidades. O pluralismo que adotamos para vivenciar nossa prática religiosa nos coloca, de certa forma, longe da máxima que diz: " Extra Ecclesiola Nulla Salus".

Assim, procuraremos pensar, a partir das experiências dos sujeitos católicos de Itapuranga-GO com a reestruturação diocesana proposta por Dom Tomás Balduino, nos anos 70, como estes sujeitos católicos comprometidos com as reorientações diocesanas, produziram reflexões sobre suas atuações junto à Igreja de Goiás, que os colocavam como sujeitos produtores do sagrado. Assim, se a passagem do milênio e a entrada num novo século aponta para novas e variadas formas de vivências do religioso para o homem; vivências estas que são mais direcionadas para uma perspectiva individualista do sagrado, nos voltamos aos anos 70 e 80 do século passado para pensarmos como um grupo particular de católicos da paróquia de Itapuranga-Go produziram uma sensibilidade sobre suas atuações num projeto de igreja que se queria como coletiva. Uma maneira de fazer da vivência religiosa uma vivência ao "modo do Evangelho".

Para pensarmos estas questões escolhemos dois momentos que são recorrentes para os sujeitos católicos que vivenciaram o período em Itapuranga que são: a expulsão dos padres da paróquia e a presença do leigo a frente das tomadas de decisões na paróquia e na diocese. Estes dois momentos são pensados por estes sujeitos como críticos e definidores de suas atuações nos trabalhos de construção de uma consciência da sociedade e da religião, portanto são marcados por dúvidas e angústias dos leigos em relação às incertezas da Caminhada do Povo de Deus.

A discussão a ser apresentada parte, inicialmente da leitura de um Caderno de Notas que fora utilizado para organizar e anotar as decisões tomadas nas reuniões dos representantes dos leigos de Itapuranga compromissados com o projeto da Igreja do Evangelho - que passaremos a identifica-los com a denominação nativa de ***Grupão***, bem como registrar as principais discussões travadas entre os católicos da Caminhada, nos seus Grupos de Base, as tensões existentes intra e extra grupo de leigos em torno do exercício de se implantar uma nova forma de se ser católico na diocese como um todo e em Itapuranga em particular. O caderno registra reuniões num período que vai de março de 1975 a março de 1977.

A expulsão dos padres de Itapuranga será pensada como um *evento fundante* da Igreja do Evangelho em Itapuranga, visto que, como o definiu Sidney Valadares Pimentel (46:1997)

> *... o evento fundante é um acontecimento que inicia uma série de eventos com os quais mantém uma certa identidade como fato social ou histórico. Neste sentido, ele é "algo novo" (grifos do autor)que serve como ponto de partida para "começar-se a con-*

tar o tempo" de algum modo, isto é, ele pode ser usado como um marco histórico para se produzir uma certa periodização.

Neste incidente, D. Tomás irá reforçar a "Opção Preferencial Pelos Pobres", numa ação em consonância com os leigos do Grupão e demais católicos da Caminhada em Itapuranga. Como medida punitiva aos católicos que haviam planejado o evento e os demais católicos identificados como tradicionalistas, D. Tomás, a partir de uma consulta realizada junto aos católicos da/na Caminhada da nova Igreja de Goiás, fecha a Igreja de Itapuranga por sete meses, e nomeia uma leiga para realizar as funções de celebração.

A partir deste evento a Igreja do Evangelho em Itapuranga irá romper com as práticas e vivências dos católicos urbanos, procurando se firmar entre os Grupos de Evangelho rurais. Neste sentido, é reafirmado a máxima da Igreja do Evangelho de que é necessário romper com tudo aquilo que é da tradição do catolicismo. Assim, foram proibidas as realizações dos terços, das novenas, das folias de reis e de outras manifestações própria do catolicismo popular no Brasil, bem como a própria realização dos rituais sacramentais como o batizado, o casamento, e outros, sem as devidas reflexões da realidade.

As anotações feitas neste Caderno de Notas[2] possibilitam analisarmos como este evento da expulsão dos padres é revelador da força da tradição entre os católicos de Itapuranga. Os leigos irão encontrar toda forma de resistência ao discurso transformador em detrimento, principalmente, da presença do padre à frente da Igreja.

Interpretarmos os registros contidos neste caderno como sendo um documento produzido por estes sujeitos católicos da Caminhada da Igreja de Goiás e que, portanto, possibilita compreendermos como estes sujeitos vivenciaram e participaram da implantação do novo modo de se ser católico em Goiás. Este caderno assume uma importância por ser um documento produzido pelos próprios católicos que foram encarregados de ser o "fermento da massa", no momento mesmo em que eles vivenciavam toda a alegria e insegurança do novo discurso da Igreja de Goiás.

Uma das premissas básicas da Igreja Popular em todo Brasil é a que deveria partir do povo as formas legítimas de resistências e lutas por um mundo melhor e mais justo. Para que isto fosse possível, a Igreja Popular procurou priorizar a participação do leigo, enquanto sujeitos de sua própria história, dentro dos canais de tomadas de decisões e deliberações nas dioceses progressistas.

Ao chegar à Diocese, Dom Tomás implanta o sistema de assembléias diocesanas, já discutido no primeiro capítulo. Segundo Pessoa, "As assembléi-

---

2 - Nas citações referentes às anotações contidas no Caderno de Notas serão mantidas a forma original do texto, procurando assim observar a oralidade do texto escrito.

as diocesanas (14 até 1988) se tornaram, então, segundo se diz na diocese, a instância superior de decisões em ternos pastorais."(1990,124). Será na terceira assembléia, ocorridas em 1970, que aparecerá a discussão em torno do papel do leigo dentro da nova igreja de Goiás. Para Moura(1989), *"Esse segmento que, na Diocese, quase em sua maioria, se ligava à Igreja ritualisticamente, ou com insignificante atuação em cultos, se descobre e é descoberto como ator e confirmado pelo Bispo(...)"*

Essa preocupação na inserção do leigo nas discussões diocesanas terá, nas paróquias ressonâncias conforme a aceitação do pároco local. Pois, não podemos perder de vista, que o discurso da nova Igreja de Goiás não conseguiu ser tão hegemônico. Houve padres descontentes com a transformação da Igreja de Goiás, chegando mesmo a fazer acusações de manipulações dos leigos por parte da Equipe Diocesana, fato que ocasionou a saída de vários padres da diocese.

Se a transformação da Igreja de Goiás assustava e causava "baixas" no contigente de padres e freiras que estavam atuando no território diocesano, *"Paradoxalmente, o mesmo motivo que os levava a sair, atraía outros. Alguns se surpreenderam com as novas atribuições do seu ministério mas permaneceram e "se converteram" às mudanças."* (Pessoa, 1990:128)

"O Nosso Trabalho Já É Libertação?"- O Repensar dos Leigos Frente a "Nova Realidade"

Passado o susto e o medo com a expulsão dos padres de Itapuranga, reafirmada a aliança com os "pobres e oprimidos" através da fala do bispo e da punição imposta aos "grandes" de Itapuranga, restava aos novos eleitos continuarem a sua Caminhada de Libertação.

O episódio da expulsão dos padres, como um evento fundante, demarca uma nova fase no projeto de instauração de uma nova forma de ser católico em Itapuranga.

Ao reafirmar o redirecionamento das alianças, o bispo reafirma o compromisso da transformação da Igreja de Goiás. Agora o leigo, devidamente identificado como sendo da Caminhada da Igreja de Goiás, torna-se o novo articulador do saber religioso em Itapuranga, reafirmando a posição de ser *a Igreja de Goiás*. Assim Carlos Rodrigues Brandão(1992;56) os definem:

> *Eles constituem, em primeiro lugar, o corpo estável de profissionais da Diocese. Em sua maioria são forâneos, chamados pelo bispo ou voluntários integrados em alguma das coordenações de pastoral, das equipes diocesanas de prática cotidiana, ou em algum dos grupos e movimentos de "renovação da igreja". São portanto, os que participam do que denominam uma "vida de igreja", através de realizá-la como uma "pastoral de compro-*

missão". São eles, em suas comunidades locais, os agentes ativos do "trabalho pastoral da Diocese"; são os seus representantes em momentos de reuniões e tomadas de decisões regionais...

Reforçados em suas condições de novos produtores do sagrado em Itapuranga, a dúvida que restou aos sujeitos católicos era o que fazer? Sim, pois o episódio demarca também a questão do *valor do padre* junto aos católicos. O que fica mais nítido neste evento é o papel fundamental do padre como membro articulador dos sujeitos católicos.

O que se instaura neste momento é o início da crise em torno da autonomia do leigo. Se por um lado a Diocese procura estimular a presença destes como os novos produtores do sagrado, por outro lado há os católicos que não compartilham da idéia de se ter leigos como articuladores do saber religioso; questão que será tema do Primeiro Encontro dos Leigos da Diocese de Goiás, ocorrido em julho de 1975.

A partir da leitura de Carmem Cinira Macedo em seu *Tempo de Gênesis*, podemos estabelecer um dialogo entre os acontecimentos ocorridos em Itapuranga e aqueles que ela analisou em Morro Grande. O projeto de uma possível legitimidade da ação do leigo frente aos trabalhos sacramentais é apontado por Macedo assim como também pelos sujeitos católicos em Itapuranga.

Guardadas as devidas diferenças, o que estamos propondo comparar é a prática em torno da presença do leigo como agente religioso demarcada pelo compartilhar de uma nova identidade religiosa. As crises e críticas enfrentadas pelos militantes totais da Igreja de Goiás, principalmente aqueles membros do Grupão fizeram com que as suas ações fossem amplamente discutidas em grupos na cidade e na zona rural.

Apesar de haverem conseguido sensibilizar uma parcela da população urbana em torno da questão de se solidarizar contra a violência cometida contra os padres, estes mesmos católicos não aceitavam a presença de leigos como articuladores do sagrado. Para Carmem Cinira Macedo (1986, p.262):

> *A população, ..., ainda espera muito dos padres e, com certeza, permanece acreditando que sem eles não existe, de fato, nem religião nem catolicismo. Há uma "sacralidade" na representação que se tem dos membros do clero, e que não se projeta sobre nenhum leigo, por mais ativo, bem intencionado, lúcido, consciente e dedicado aos demais que possa ser. Respeitam-se algumas pessoas de modo especial, mas sua identificação como leigas sempre permanece.*

Nas reuniões realizadas pelos coordenadores dos Grupos de Evangelho, em Itapuranga, logo após a expulsão dos padres e o fechamento da

Igreja, as conclusões em torno da importância da presença do padre era unânime. Todos queriam a volta da missa celebrada por um padre[3]. E, como a discussão da primeira reunião registrada no Caderno de Notas, datada de 16 de março de 1975 é sobre a preparação para celebrar a Páscoa, as conclusões tiradas sobre o que fazer esbarrou na figura do padre. Os grupos da região do Xixazão[4], que realizaram três reuniões, chegaram a conclusão de que :

- Não tem padre não tem religião,
- É difícil reunir.

Os grupos que se reuniram nas "beiradas", no entanto, tiveram uma melhor conclusão:

- boa - aprofundaram bem. O boletim ajudou bem. Os boatos não chegam lá. O pessoal das beiradas são interesados.

Entre o primeiro grupo e o segundo grupo um detalhe nos permite tecer uma interpretação. Aqui os coordenadores criam um sistema de classificar os católicos conforme a sua localização geográfica ocupada na cidade. Aqueles que estão no centro do bairro são identificados como desinteressados, não sendo possível reuni-los, enquanto que os que se localizam nas beiradas, na periferia do bairro são mais interessados, no entanto, é destacado que "os boatos não chegam lá". Ao mesmo tempo que há preocupação em participar das reuniões promovidas pelos agentes da Igreja, há uma desinformação sobre o que está acontecendo na paróquia. É interessante lembrarmos aqui, que a terceira assembléia diocesana, realizada em julho de 1970, reforça a necessidade de se trabalhar com os leigos da zona rural e das periferias das cidades, visando sua conscientização e justiça (Moura,1989:50).

Já as reuniões realizadas no Xixazinho, num total de oito grupos, foi relatado que não houve nenhum incidente. Todos participaram, com exceção de um grupo, que não deu apoio, e, que ressaltaram querer outro padre que não fosse o padre Ivo Polleto. O principal argumento era o medo e a desconfiança no trabalho que a diocese estava implantando. Para outros, o *"padre é a peça principal, bonitão e acomodado"*.

---

[3] - Segundo Dona Rita, o grupo que organizou a expulsão dos padres, organizou também um movimento para trazer de volta o Monselhor Lincon, que era padre em Itapuranga antes da chegada de Dom Tomás à Diocese e que era considerado como tradicionalista. Dom Tomás nem sequer discutiu com este grupo esta possibilidade. No entanto, segundo informações obtidas com católicos mais tradicionalistas, era comum católicos de Itapuranga organizarem caravanas para irem à cidade de Rubiataba assistir missa e até mesmo batizar os seus filhos.

[4] - A cidade de Itapuranga é dividida em duas regiões: uma mais antiga. onde se deu o início do povoamento que é conhecido por Xixazão, e a outra mais nova como sendo o Xixazinho. Xixá é o nome de uma árvore abundante na região e da mesma derivou o nome dado ao povoado, segundo Thomáz Ferreira Lemos, pelo engenheiro Humberto Rizo, em 1933.

A partir destas reuniões realizadas nos Grupos de Evangelho, os católicos iam aos poucos aprofundando no novo sentido de ser católico na diocese de Goiás. Aos poucos estes leigos começam também a questionar o seu papel frente à Diocese. Para a grande maioria o leigo deveria ser reconhecido como parte da Igreja. Afirmam que *"responsabilidade do cristão é igual a dos padres."* No entanto, estes sujeitos católicos esqueceram-se que apesar de transformadora, revolucionária, a Igreja do Evangelho continuava ainda uma Igreja ligada à tradição da Igreja Católica Apostólica Romana e como tal, somente aqueles agentes diretamente ligados à sua estrutura como padres e freiras poderiam ministrar os sacramentos.

Sobre a autonomia dos leigos frente ao trabalho da nova evangelização, Pessoa(1990,154), citando Turner, nos diz que "a tão ressaltada 'autonomia' dos leigos não passou de 'ritos de crises da vida', onde a 'elevação' e a 'reversão' do 'status' serviram exatamente para definir papéis axiomáticos, imutáveis(...)dentro da instituição(o papel do sacerdote, principalmente)."

É tomando de empréstimo a Pessoa estas questões expostas por Turner sobre os ritos de crises da vida, que podemos construir um entendimento sobre a crise presente nas avaliações realizadas pelos católicos do Grupão, que ficaram registradas no Caderno de Notas.

As primeiras anotações do Caderno de Notas datadas de 16 de março de 1975, inicialmente cita uma leitura da Bíblia do Livro de Êxodo, capítulo 04, versículos de 10 a 14 e capítulo 05, versículos de 01 a 09. Nesta passagem Moisés recebe de Deus a ordem de ir ao Egito libertar os israelitas. Moisés, no entanto, questiona-se diante de Deus, dizendo ser incapaz de realizar tal tarefa, e o Senhor lhe diz que ele seria o seu mensageiro. Assim, Moisés de porte das revelações parte para libertar o seu povo da opressão. O Livro de Êxodo, que significa saída, narra a saída de Israel do Egito, conduzidos por Moisés. (Bíblia Sagrada, 1989, p.85-6)

Assim, de posse da leitura bíblica, caberia aos católicos da Caminhada então a interpretação da realidade à luz do Evangelho. A questão proposta, pelos membros do Grupão para reflexão era a seguinte:

1)Existe também hoje, gente que pensa igual ão Faraó e aos Egípcios?

2)Nós, estamos vivendo, como faraó, ou como os Isrraelistas?

3)O nosso trabalho já é libertação?

Postas as questões pelos coordenadores do Grupão, o plenário assim se manifestou:

- *"Somos covardes, egoístas e as vezes faraó"*
- *"Precisamos nos conhecer-unir, libertar de tudo, principalmente da tradição da igreja."*
- *"Organizações que engambela, o povo não toma parte. Os gran-*

des já os fazem. Impõe."
- "Mentalidade de obdecer tudo que está no papél"
- "Os faraós colocam na cabeça do povo que isto é perigoso, perde tempo, gente oprimida que não acredita na libertação e vai até contra- torna opressor."
- "Isrraelitas de hoje, que procura levar a vida a sério e discubrimos que a cituaçào não é boa.")
- "Moisés de hoje é quem infrenta o trabalho, a vida, mesmo reconhecendo que é fraco e duro"
- "Pensar em deixar, em se acorvardar é ser Faraó."

Ouvidas as colocações do plenário, os coordenadores do encontro propuseram três questões para o debate, como sendo "*Assuntos para Aprofundar*":

- 1-"O nosso trabalho é como a caminhada no deserto é sempre?"
- 2-" A Esperança de liberdade - Só para ficar livre? Ou no Evang. Deus".
- 3- "Por que a Igreja se torna opressora?"

A conclusão apresentada pelos coordenadores foi a seguinte:

"A própria igreja foi inconciente. Os próprios papas, Bispos, padres foram educados assim. Ser bonzinhos e aceitar tudo. A paz acomodada dos oprimidos. Sofremos por que cada um quer pra se e chuta os outros? Deus não quer assim. "Ele" que salvemos a nós e os outros. Sozinho ninguém salva. A salvação não é aquela que só vem depois da morte, é hoje, aqui é vida.
A fé dos 1º cristãos era diferente, depois q/e a Igreja passou ao lado do poder foi que tudo mudou".

Esta Reunião do Grupão, de 16.03.75 é fundamental para que possamos entender a matriz interpretativa da "Caminhada do povo de Deus". Tendo a expulsão dos padres como pano de fundo, a questão que se apresentava para os sujeitos católicos era a de demarcar as diferenças entre aqueles que são e fazem a Igreja do Evangelho e aqueles que não aceitam a existência de tal Igreja. Assim posto quem estava na Caminhada estava sendo identificado como o povo de Israel à procura de uma nova terra, livre de toda forma de opressão e injustiça. Os que; por outro lado, haviam promovidos a expulsão dos padres e aqueles que os apoiavam, eram identificados como sendo os opressores, os poderosos, logo portanto como sendo o Faraó. Estava em prática então a máxima da Teologia da Libertação que era a leitura do Evangelho à luz da realidade.

O que fica evidenciado para estes sujeitos católicos de Itapuranga é que:

A vida não é a eterna repetição do mesmo, há um fluxo de acontecimentos, uma estrada, uma caminhada, como dizem. No discurso religioso, isso aparece como a possibilidade da construção do Reino, através da união de todos, na caridade e na justiça. Mas não aparece mais como o sonho da vida eterna, nem como dádiva dos céus. Aparece agora como fruto da luta e do trabalho, do esforço de cada um e de todos. (Macedo,1986:243)

Nesta perspectiva de que a vida é fruto da luta e do trabalho é que os católicos da "Caminhada do Povo de Deus" em Itapuranga optaram por realizar, no ano de 1975, uma preparação para a celebração da páscoa voltada para as discussões nos bairros, ou melhor nos grupos de Evangelho. No dia 06 de abril de 1975, foi realizado um "Encontro dos Coordenadores" na cidade para revisão do trabalho sobre a Páscoa. As conclusões apresentadas pelos coordenadores indicaram uma aplicação das novas regras diocesanas:

- Não há libertação, há muita escravidão.

- Algumas missas estava morta, só serimônia

- Páscoa de luto, por falta dos padres. A Páscoa continua - tem escravos. Os homens precisa de Evang. O povo não conhece nada. Precisa atingir o povo.

- Essas rezinhas não adianta nada. Agente reza p/a ter ocasião de ver o Evang. Quando atinge o povo eles gostam.

- Nós como crist. Devemos ser como o Soldado p/a ter ordem, vigia contra o mal;.

- Opressão, os piões só causa problema. Acham que o padre é a peça principal - bonitão e acomodado. Acha bom a missa da televisão.

- Os costumes velho tem que ser deixado para se renovar. Antigamente a igreja dava um passo a frente e 3 p/a tras. Agora tá indo só p/a frente.

- Os vicentinos estão com calma, resão o terço para dar oportunidade. Houve mesmo algumas fofocas dentro das resas, mas com a verdade isso passou e no final foi bom. Terço ou resas sem ligação com igreja é furar a ordem do Bispo.

- Problema de mulheres (no original) de vida livre perto das famílias - não hove solução. Queremos estudar sobre isso.

- Páscoa é passagem. Todos são empregados, não tem valor. Tudo que faz é pouco p/a o patrão. Lavadeira 11 freguisia de roupa, CR$35,00, vai embora daqui p/a ver se melhora, por que não dá pra comer. Querem reunir mais perto pra ve se faz uma passagem. Um ajudar o outro.

- Dão valor no padre como padre, não gente. Quem tem televisão não vão, são escravos. O povo tem outros interesse melhor.

Ao final desta reunião foi apresentada a seguinte proposta:

> *Somos coordenadores. Iniciamos o trabalho de quarteirão com visitas, afim de unirmos mais e contribuir com o dízimo. Agora estamos aí. Alguns deixaram, outros continuaram com dificuldades, fasem visitas, reuniões. O dízimo acabou. Precisamos então de estudar novas maneiras p/a continuar as reuniões e também o dízimo (a maneira de sustentar o trabalho). O que fazer?*

As reflexões realizadas pelo grupo apontam para as questões básicas que estavam sendo discutidas naquele momento: as tradições da igreja devem ser deixadas de lado, ao mesmo tempo, estes sujeitos católicos procuram problematizar questões básicas do seu cotidiano como a proximidade das "mulheres de vida livre" com as famílias. Se por um lado, as mulheres lavadeiras recebem uma atenção especial na discussão do grupo, visto que para estes, existe uma opressão do trabalhador pelo patrão, e que, como "novos cristãos" devem denunciar toda forma de opressão, por outro lado, existe uma questão moral a ser combatida que é a proximidade da zona de prostituição com as "casa de família". A prostituição continua assim a ser visto como pecado, imoralidade. Portanto distante de qualquer ação que não seja a negação e o combate. Tão pernicioso como a prostituição é a televisão. Esta é apresentada nas conclusões como sendo a grande barreira que impede uma maior participação das pessoas. Principalmente por que através dela é possível ter acesso à missa, tida como alienada, conservadora e tradicionalista.

Assim, podemos perceber também uma preocupação em estabelecer uma política de boa vizinhança com os católicos Vicentinos que durante todo este período se mantiveram distante das discussões da Igreja do Evangelho. Dois pontos, então, merecem destaque: O primeiro é a preocupação em se criar uma maneira de arrecadar fundos para a manutenção do trabalho do grupo. Esta questão é fundamental visto que para a maioria destes católicos "militantes totais" era inviável a participação nas constante reuniões que eram realizadas em todos os município diocesanos sem a ajuda financeira da Igreja, e o segundo a forma como as reuniões eram coordenadas, seguindo um roteiro pré-estabelecido através de um boletim preparado pela diocese. Sobre a questão da autonomia do leigo, mais uma vez, o que temos é o direcionamento da Igreja dentro das novas perspectivas. O leigo executa uma função predeterminada, seguindo os passos do que deve ser discutido e aplicando estes passes conforme as discussões em cada grupo.

Outra questão instigante presente nas conclusões do grupo é a constante referência aos demais católicos que não compartilhavam diretamente dos novos "bens simbólicos" produzidos pelos novos católicos da Igreja de Goiás, como sendo **o povo** enquanto que aqueles identificados com a *Cami-*

nhada da nova Igreja de Goiás eram denominados de cristãos. Assim, é comum encontrarmos nas entrevistas realizadas com os ex participantes do Grupão expressões como: -*"O povo não entendeu, O povo teve medo, O povo se assustou, O povo é pela tradição e tem ambição"*. Enfim, em vários momentos aparece, também no Caderno de Notas estas categorias usadas para diferenciar os católicos em Itapuranga.

Se as conclusões apresentadas pelos grupos urbanos apontam para uma dificuldade em converter novos católicos para a Igreja do Evangelho, o mesmo não acontece com os católicos das regiões de Guaraita, Baú e Laranjal. Estas regiões são consideradas, pelos sujeitos por nós entrevistados, como dissemos acima, na sua maioria ex-membros do Grupão, como sendo regiões que tiveram uma organização modelo dos Grupos de Evangelho para toda a Diocese. As conclusões apresentadas pela plenária, no dia 20 de abril de 1975, foram as seguintes:

> *"S.Paulo fundava os grupinhos mostrava o caminho e os deixava p/a ir a outros. Escrevia cartas.*
> *- Agente toma responsabilidade*
> *- A explo dos grupos é que os outros vão descobrindo. Precisamos ter paciência e ser firmes. O trabalho mecheu muito com o povo contra. O Evang. Que não meche com o pessoal não da para seguir. Há preocupação com os sacramentos. Eucaristia sem união, mudança de vida não é Páscoa.*
> *- Viram na roça que deve trabalhar um para o outro para servir e não ficar marcando dia. Na medida que precisar.*
> *- Na igreja não tem boneco para mandar o povo. Somos gente que queremos acertar. Assim o padre ajuda, diferente atrapalha.*
> *- A realidade colocada sobre a cabeça no povo é dura. "se somos comunistas o Cristo foi o maior e melhor comunista".*

Nesta reunião aparece pela primeira vez a discussão sobre a possibilidade de reabertura da Igreja de Itapuranga. A questão posta para discussão do grupo foi: "*Quais as sugestões sobre a reabertura da igreja?*" As conclusões apontadas foram radicais: "*Não fazer um passo certo é abrir a todos. Talvez dar licença de casar, batizar aonde quiser e continuar diferente. Encontros ocasionais. Entrar de vagar com o povo - não logo distribuir sacramentos.*"

Na reunião do dia 15 de junho de 1975, o Grupão decide que já é tempo de reabrir a Igreja de Itapuranga. Os motivos citados são:

> *-"já faz sete meses. Foi bom porque mechou com muita gente.*
> *-tem muita gente boa que ainda não estão sendo atingido por grupos. Como ainda não temos condissões de atender todas essas pess. Em grupos e elas poderam se perderem e até ficar contra.*
> *- também a diocese não pode ficar desligada das outras, é muito*

útil o contacto com elas.
- também os grupos se prendem muito nisto e a caminhada comessa a não ficar boa (azedume).
- Reabre com o apoio direto do bispo deixando claro os motivos e condições. Também com uma cartinha clara ao povo."

Nesta reunião, as reflexões giraram em torno do trabalho dos leigos do Grupão. A questão posta para análise foi : *"Nosso trabalho está ajudando a libertar o pessoal? O que é que ainda prende?*

As possibilidades de reabertura da Igreja de Itapuranga foram discutidas tendo como ponto básico o aprendizado político, a conscientização junto aos católicos da função do padre não mais como uma autoridade máxima da Igreja, e sim, como um articulador entre o *povo, os católicos da caminhada, e a diocese.* O importante era que o leigo, compromissado com a Igreja do Evangelho, saísse deste episódio como uma figura respaldada pela diocese e pelo padre local. As reflexões tiradas foram: *"Se abre o templo, deve ficar claro as condições de vida para que isto tenha valor."*

Nesta perspectiva, o que o Grupão procurou garantir foram as conquistas políticas alcançadas. Que se reabra o "templo," porém não se cogitava fazer qualquer tipo de concessão aos "tradicionalistas", muito pelo contrário, os católicos militantes totais cobravam posicionamento da diocese em relação aos católicos que estavam freqüentando missa na cidade vizinha de Rubiataba,(Diocese de Anápolis), em busca de sacramentos.

De forma geral, as discussões apresentadas até aqui, bem como a maioria das reuniões registradas no Caderno de Notas tratam das questões do cotidiano dos católicos apontando para as dificuldades individuais, bem como questões mais complexas como os atritos intra-grupo devido ao fato de que "uns estão querendo aparecer mais que os outros". Estas e outras questões foram discutidas no Primeiro Encontro de Leigos, realizado em 05 e 06 de julho de 1975.

O Primeiro Encontro dos Leigos da Diocese de Goiás.

Para Moura o Primeiro Encontro dos Leigos da Diocese de Goiás demarcou o "assumir de fato dos leigos" pela Diocese. Acreditamos, no entanto, que esta analise sobre o *assumir de fato dos leigos* apenas em função de um encontro é insuficiente para entendermos como estes leigos vivenciaram os conflitos assumidos com a nova postura religiosa frente a uma sociedade conservadora. Não podemos nos esquecer que desde os primeiros anos de implantação da Igreja do Evangelho na Diocese de Goiás as transformações sobre o mundo do sagrado já estavam se realizando, em sua maioria de forma tensa e conflituosa, como aponta a fala do bispo D. Tomás em dezem-

bro de 1974, às vésperas do natal,

> *Chamaria a atenção de vocês para o fato do novo nascimento da Igreja em pessoas que assim falam claramente. E porque já estão falando desta forma, estão sendo perseguidos por outros que se dizem da Igreja. Estamos assistindo ao fomento de duas igrejas diferentes e conflitantes dentro da mesma cidade, da mesma família, dentro do mesmo indivíduo: a Igreja da Tradição e a Igreja do Evangelho. (Boletim Diocesano de 29/12/1974 apud Pessoa, 1990)*

O que marca o primeiro encontro dos leigos como algo extremamente importante na história da Diocese de Goiás, sob o pastoreio de D. Tomás é que, oficialmente, será o primeiro momento em que as crises internas serão apresentadas e discutidas por aqueles que realmente estavam vivendo-as. O momento será de criticas à Diocese, bem como de criticas ao trabalho desenvolvidos pelas regiões, bem como de avaliação individual sobre as transformações que a militância religiosa havia produzido sobre este sujeito católico.

No Caderno de Notas está registrado a presença de 45 leigos de toda a Diocese, sendo que Itapuranga contou com a participação de quatro leigos, sendo eles: Almerico (lavrador), Perpetua (não definida), José Guedes (costureiro) e, Cariolita (doméstica).

O objetivo apresentado para o encontro foi: *"Ver de perto os problemas que temos dentro do trabalho Igreja Libertação e pensarmos em algumas pistas para enfrentarmos. Quais? Como?"*

Assim, a falta de apoio da diocese, da família, a situação financeira, a falta de conhecimento, foram algumas da dificuldades apontadas pelos participantes do encontro. Por outro lado, este primeiro encontro também é extremamente positivo para os católicos da Caminhada, visto que é o momento em que se procurara firmar uma identidade ao leigo que assume a Igreja de Goiás, dada pelo compartilhar das mesmas dificuldades encontradas no desempenho do trabalho.

Souza(1993), ao indagar sobre o que mobiliza um número significativo de católicos leigos para uma ação político-religioso integral e sem interesses pessoais encontra no militante total respostas que possibilitam compreender este novo sujeito católico. Neste sentido, as características apontadas por este autor na composição do militante total, nos auxiliam no entendimento de várias questões colocadas em discussões pelos sujeitos católicos participantes deste primeiro encontro.

Assim, o compartilhar das motivações para o engajamento, bem como, a exposição e o esquecimento de si, são elementos fundamentais para a constituição e compreensão da identidade religiosa-militante dos leigos na/da Igreja do Evangelho em Goiás.

Nesta perspectiva de procurar discutir os problemas comuns aos leigos na diocese, as propostas que foram apresentadas para discussão foram, na sua maioria relacionadas à autoridade e autonomia do leigo frente à diocese:

- Qual o nosso dever e direitos dentro da região e diocese
- Até que ponto temos liberdade de assumir juntos e depois sozinhos condições.
- palavras claras para ver melhor a caminhada,
- Até onde vai o nosso compromisso de enfrentar o trabalho (evangélio)
- inicial - revisão total da função do leigo desde o inicio do trabalho e ver qual é o objetivo e valor do trabalho. O ponto onde vamos chegar.
- Ver a responsabilidade prática.
- Ligar bem a realidade - libertação do homem com relação a vida. Ver no que o clero está nos ajudando.
- Ter cuidado p/a não ficar em assuntos menos importantes- aprofundar mais - ver bem a opinião de cada.
- Deichar bem claro: Quem deve assumir o trabalho de libertação - Quem precisa libertar?
- Revisão - Fizemos bem, em que erramos, como fazer melhor, de que jeito, o que precisamos. Por que esperamos por padres e outros. Quebrar o tabú - supertição respeito humano.

Nas avaliações realizadas por região, a questão do que fazer e como fazer para que o trabalho dos leigos pudesse atingir um número maior de católicos, bem como as questões de condição de vida destes é apontado pela maioria dos representantes como problemático para o desenvolvimento do trabalho

Ao responderem a questão de como entraram para esse trabalho, a maioria apontou a participação na igreja tradicional como motivação para o engajamento na nova proposta da diocese. Apenas dois grupos apontam para uma participação política em organização de lavadeiras e construção comunitária de casas populares, como motivos que os levaram a entrarem para a Caminhada da Igreja de Goiás.

É interessante a resposta dada, neste contexto de transformação do sujeito, à pergunta: *"O que mudou em nós diante da sociedade?"*

As respostas apontam para um consenso em relação à idéia de uma transformação da pessoa frente a sua realidade. Assim, justiça, compromisso de luta, libertação, reflexão, transformação na sociedade, são idéias recorrentes nas falas destes sujeitos. Neste sentido, as falas apontadas na plenária são significativa:

- O Evangélio era pregado com tapiação, resolvi ajudar a

ver a verdade.
- Viciado em tradição, esforçou com a ajuda do padre e mudou.
- Era da igreja comessou com grupos e caminhou
- Idéia de um padre que deu oportunidade de falar, teve nescessidade de criar um grupo, não tinha jeito de mudar e enfreta tudo.
- Notou que a vida não introsavam com evang e que a estrada certa era essa animou.
- Sede de justiça - acreditou no caminho.
- Convite de amigo que entrou primeiro, aí está o fermento que fala o evang..
- Parecia um sonho nos dirigir grupos, agora estamos ai,
-Temos visão do que é bom e errado, assumimos melhor o evang. É como tirar a faca da bainha, e a sociedade usa a taca (Grifo meu).
- te conciência da vida e é respeitado por participar da igreja que concientiça. A crítica e ameaça é para destroir. Recorda as dificuldades de Cristo e segue. Os que tomam conciência é mal visto, chamado comunista.
- Uma amizade aberta, desenteresada, um tipo de querer bem (viver como irmão), firmesa, confiança. Muda a natureza da gente, o jeito de lidar com as pessoas. Revolta com a família. Mudo o jeito de Olhar o mundo e a igreja e as pessoas
- Vimos que as coisas boas ou mas, somos nós que as dazemos. Falta de formação, conciência de se mesmo, de estudo. O leigo precisa ser livre p/a continuar.
- Temos interesse pelos outros, relacionamos melhor até o comportamento. Somos fermento (Grifo meu),Conhecemos nos direito e ajudamos os outros. Tenho novas vistas, as opressões, abusos, renuncia de jogos e coisas erradas. União no trabalho braçal, na família, na sociedade é raquítica, o crescimento por causa da opressão. "grana". O nosso trabalho os atrapalha.

As motivações dadas para o engajamento destes sujeitos católicos em Goiás são as mesmas apontadas por Macedo(1986), Souza(1993) e, si conseguíssemos realizar um levantamento de toda a produção acadêmica sobre a Igreja Popular no Brasil, provavelmente as respostas se aproximariam muito destas obtidas através do Caderno de Notas produzidas pelos católicos da diocese de Goiás reunidos no Primeiro Encontro de Leigos. O que importa para nós, é a presença deste leigo, na diocese de Goiás, que se viu frente a uma militância político-religiosa que em nenhum instante foi livre de tensões e conflitos, seja em relação à diocese, seja em relação às condições materiais de

vida, bem como as pressões da família e da sociedade local .

Duas reuniões registradas no Caderno de Notas, ocorridas em 19 de outubro de 1975 e, 20 de fevereiro de 1977, apontam questões fundamentais para que se possam compreender algumas dificuldades apresentadas para os sujeitos militantes totais da Igreja do Evangelho em Itapuranga, nos anos 80, na continuação e consolidação do trabalho pastoral na esfera propriamente política.

A reunião de 19 de outubro de 1975 inicia-se com a proposta de ser uma reunião de revisão do trabalho. Assim se apresenta a pauta: *"Equipe Central: Como nasceu?*

> ** Revisão do trabalho - tarefas - o que se tem pra fazer? Acompanhar: grupos -sacramentos - recursos.*
> *- acompanhamentos dos padres*
> *- linha de trabalho.*

As conclusões apresentadas pela plenária desta reunião é extremamente negativa em relação a todo trabalho desenvolvido pelos católicos militantes totais. Para estes a questão dos problemas enfrentados pela equipe na continuação do trabalho se deveu, principalmente à relação direta estabelecida entre os membros do Grupão e a figura do então padre Ivo Poletto. Assim, *" Depois que o Ivo saiu, não assumimos mais do mesmo jeito, falta aprofundamento, Incentivo, firmesa, (em geral e grupão)"* As avaliações apontam para as dificuldades em assumir o trabalho, *"defender o pão é sério"* diferenças entre os grupos das 'roças' e os da cidade, *"É preciso eq, agente não conta com os da cid., nem eles com agente"*, a dificuldade de transporte para a realizações dos encontros nas comunidades rurais, *"Falta de condução - antes o Ivo buscava"* e, pela primeira vez, aparece a questão dos novos católicos que ao entrarem nos grupos não sabiam o que fazer, dificultando o processo de evangelização libertadora, *"Entrada dos novos sem saber o que ia fazer"*.

Sobre a presença dos leigos desenvolvendo atividades da Igreja, as conclusões apontam para as questões da não aceitação dos leigos à frente dos trabalhos:

> *"Ném um profeta é bem aceito na sua terra" Maioria não aceita leigo. Somos apegados nas criticas. Fé é firmesa. O povo se vira. É a opressão que faz o povo não acred. O dia que sentirmos que somos igrejas as coisas funciona." Tomás vê aqui como ponto de referência da linha libertação, por isso preocupa muito.*

As conclusões apresentadas na reunião do dia 20 de fevereiro de 1977 é mais tensa, em relação às avaliações sobre o papel do leigo, principalmente do Grupão, na Igreja do Evangelho, em Itapuranga:

> *Grupão não responde mais a nescecidade dos grupos. É só avaliação e leituras".*

-Porque o grupão não ta animando mais o trabalho? Sua função? Quais as sugestões?
- redução é prova
- Era ponto de estudo/encontro, notícias e decisão, presente os responsáveis pelo trabalho da cidade. Elementos de ponta (no original)
Outras reuniões = leigos, estudos em que não marcam outros trabalho no dia, falta pessoas, fica no grupão outros representantes de grupos e não coordenadores (no original).
- Própria situação que mudou. Antes levava programação pras bases.
- Falta ação, trabalho concreto.
- Líder que caminha sozinho, sem companheiro, fica sozinho.
- época, trabalho pesado, dificulta a participação.
- Fazer nova programação de trabalho, quem vai fazer, como, quando vai prestar contas. Falta alguém pra movimentar.
- Pegar áreas novas que tive ainda trabalho. Rever todo tipo de reunião.
- Perdeu a função principal - o trabalho.

Toda esta crítica à ação desenvolvida pelo Grupão, neste período, deve ser compreendida dentro de um quadro maior de referência. Desde o ano de 1972 estes sujeitos católicos que integravam o Grupão em Itapuranga estavam convivendo, embora de forma mais periférica, com a presença de um sindicato dos trabalhadores rurais que não correspondia à necessidade real destes trabalhadores. E, por outro lado, estão se desenvolvendo, através principalmente do mutirão, práticas políticas-religiosas que para os membros do Grupão já haviam extrapoladas os limites possíveis da ação pastoral. A militância em torno das questões propriamente religiosas já não mais atendiam aos anseios destes sujeitos. Estava dado os primeiros passos rumo à uma ação mais política.

Iniciamos este artigo discutindo que existem várias possibilidades de vivências do sagrado no mundo contemporâneo para apresentarmos uma leitura da experiência que os sujeitos católicos de Itapuranga-GO tiveram sob o pastoreiro de dom Tomás Balduino nas décadas de 70 e 80. De um projeto político-religioso que procurou transformar as formas de vida de homens e mulheres do interior de Goiás para um projeto de Igreja que se consolidou como aliada às causas sociais, às lutas do povo de Deus, muitas foram as "Pedras na Caminhada".

Se, por um lado, estes sujeitos que fizeram a Igreja do Evangelho, em Goiás, vivenciaram todas as angústias do novo modo de ser católico, por outro lado, eles se embrenharam numa aprendizagem política que os propi-

ciou participarem do mundo do sindicalismo rural, do universo da política partidária, enfim, se tornaram sujeitos que com as "ferramentas do povo" acreditaram na possibilidade de construir um mundo mais justo.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA, Petrópolis: Vozes, 1989

MACEDO, Carmem Cinira de Andrade. *Tempo de Gênesis:* O Povo das Comunidades Eclesiais de Base. São Paulo: Brasileinse, 1986

MOURA, Ivanilde Gonçalves de. *A Igreja do Evangelho:* A construção de um sonho - A Diocese de Goiás nos anos 70. São Paulo. Dissertação de Mestrado, PUC, 1984.

PESSOA, Jadir Morais. *A Igreja da Denúncia e o Silêncio do Fiel.* São Paulo: Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1990

PIMENTEL, Sidney Valadares. *O Chão é o limite* - A festa do peão de boiadeiro e a domesticação do Sertão. Goiânia: Ed. UFG, 1977.